

O maciço da Serra Solta

Jean-François Perret

Groupe Spéléologique Bagnols – Marcoule

Com a experiência da expedição "Descoberto 2007", sabíamos que o tamanho de um maciço não tem, obrigatoriamente, relação com a dimensão das cavidades de seu subsolo. Um dos objetivos de Ramalho 2008 é prospectar os pequenos maciços nos limites do maciço principal. A situação dessa pequena cadeia de lentes calcárias está a leste do maciço da Serra do Ramalho, orientada no eixo norte-sul. Indo um pouco mais para o leste, atravessamos a planície sedimentar do rio São Francisco para, enfim, encontrar o próprio rio. Essa planície é extremamente plana, sem nenhum relevo. Para se ter acesso a essa região, a estrada parece ter sido traçada à régua. Essas grandes linhas retas, por vezes asfaltadas, mas de terra na maioria das vezes, têm curvas em ângulo reto. Essa via de comunicação vai de Agrovila em Agrovila, essas cidadezinhas agrícolas criadas por uma reforma agrária nos anos 70. Elas evoluíram de forma anárquica e algumas são mais desenvolvidas que outras. Agrovila 10 traz mesmo um nome, "Serra do Ramalho", sim, o nome do maciço calcário que, no entanto, está a quase quarenta quilômetros de distância. Outra particularidade dessa cidadezinha é que ela não se localiza no eixo da estrada, mas fica recuada. De fato, ela está na margem direita do São Francisco, a outra via de comunicação da região. Esse cruzamento comercial lhe

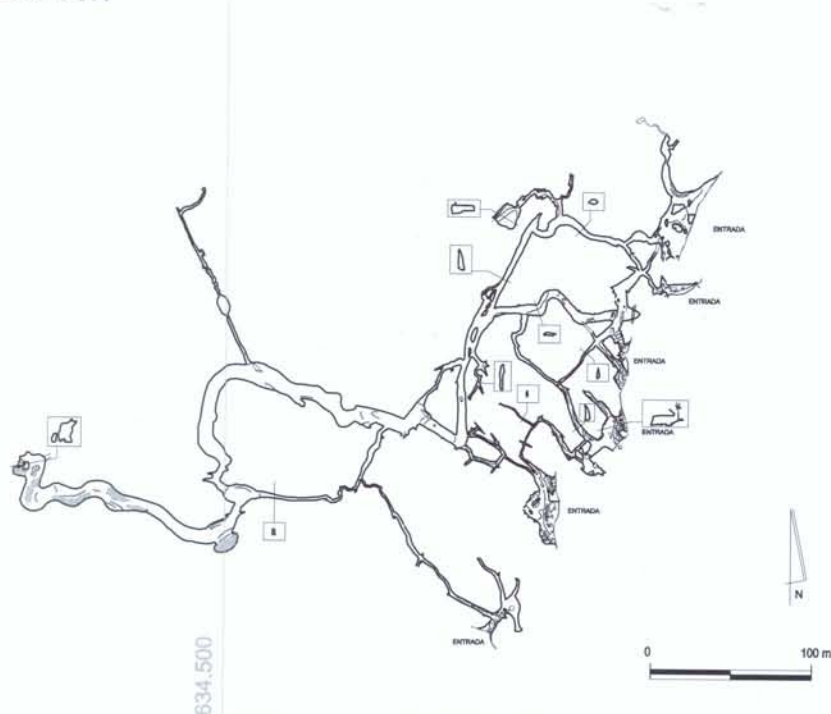
permite desempenhar um papel primordial na economia regional e explica seu desenvolvimento mais significativo que o das outras cidades de vocação unicamente agrícola.

Mas retornemos a nosso maciço; uma das mais belas descobertas dessa expedição é, sem dúvida, a gruta de Solta III. Muito próxima de suas vizinhas, ela se desenvolve no maciço da Serra Solta, ao norte de nossa zona de prospecção. Assim que descobrimos a entrada de Solta III, olhamos a imagem de satélite para estimar a superfície e o potencial do maciço calcário, que mede cerca de cinco quilômetros de comprimento por um quilômetro de largura. Essa superfície representa pelo menos seis ou sete vezes a do Maciço do Coração. Diante dos resultados obtidos no maciço do Coração, cujas cavidades se estendem por mais de 7km, nós nos permitimos esperar muito mais da Serra Solta.

The Serra Solta Range

In this article the search for caves in the Serra Solta area, part of the Serra do Ramalho carstic area, are described. In that expedition, which took place in 2008, three caves were discovered.

SOLTA III



A primeira cavidade descoberta, Solta II, proporcionou uma grande satisfação a seus exploradores. Sua entrada, impressionante, desperta logo a vontade de se ir ver mais adiante. Após o salão de entrada, a galeria toma a forma de um grande meandro e mede cerca de 10 por 5m. O solo é coberto de areia fina e de sedimentos secos. A progressão é muito fácil. Penetramos rapidamente no maciço. O calcário cinza escuro é rajado de calcita branca. Após algumas centenas de metros, a galeria principal muda de configuração. O teto fica mais baixo e ela se amplia um pouco. Aqui e ali, encontramos belas seções de condutos forçados.

No solo, os traços deixados pelo rio temporário são bem visíveis. Após um cruzamento em uma galeria secundária, a marcha se faz entre dunas de sedimentos. Como uma serpente, o leito do curso de água seco faz laços. Retornando, no eixo principal, avançamos até um pequeno sifão do lado direito da galeria. A água é bombeada a partir daqui para saciar o gado das redondezas. Prosseguimos ainda nosso périplo; a galeria fica um pouco mais baixa ainda. Agora, ela mede 3m de altura por 6 ou 7 de largura. O teto continua belo. Uma nova galeria superior criou uma pequena sala. A partir desse lugar, a configuração muda novamente. A galeria desce bastante e toma a forma de um teto baixo. Por várias centenas de metros, é necessário caminhar encurvado ou com a cabeça inclinada. Essas posições fizeram com que os exploradores chamassem a passagem de "Galeria Quasimodo"

Quanto mais penetramos na rede, mais o calor aumenta e o ar se torna pesado. Como se previu, a progressão acaba em um sifão. Voltando sobre nossos passos, uma galeria anexa, mais modesta, mas com a mesma morfologia, termina igualmente em um sifão. Ela se chama "Galeria do Torcicolo". A orientação global das galerias é leste-oeste.

Solta I é, de fato, uma pequena cavidade não verdadeiramente explorada. A entrada, a uma centena de metros mais ao sul da de Solta II, é muito menor. Após algumas dezenas de metros, como as dimensões fossem modestas, não procuramos ir adiante, ainda que ela continuasse. Por falta de tempo, nenhuma outra equipe veio fazer a topografia, pois sua vizinha Solta III monopolizou o restante do tempo disponível.

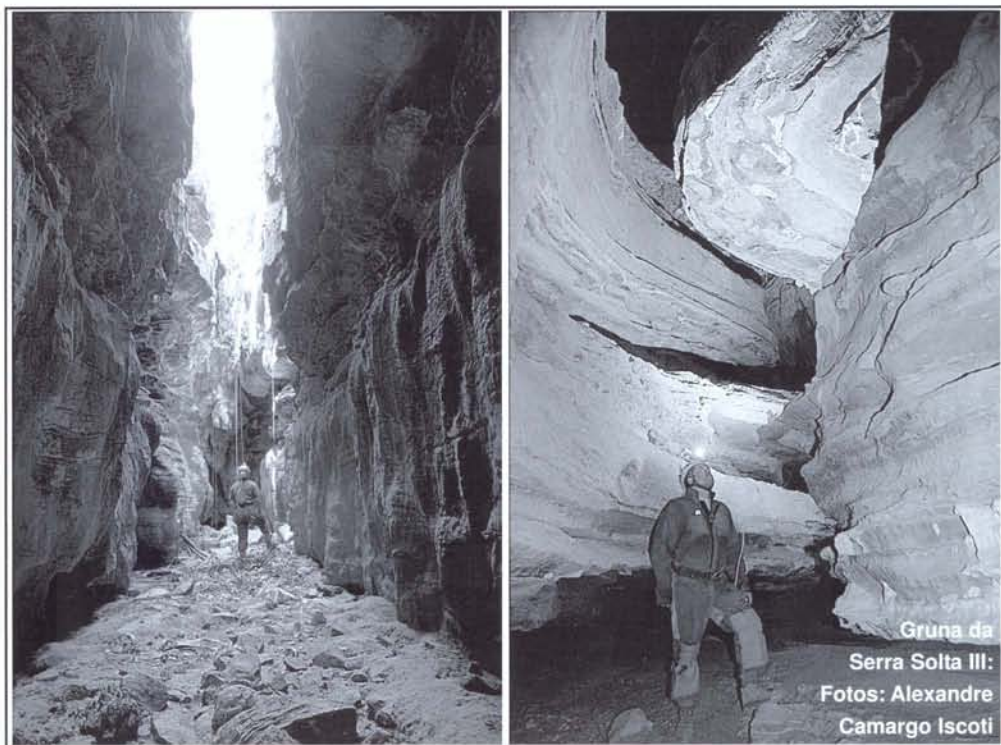
Progredindo menos de um quilômetro ainda mais ao sul, descobrimos Solta III. Essa cavidade, com sua entrada original, esconde magníficas galerias. Para penetrar nessa rede, é necessário, primeiramente, retomar o leito seco da ressurgência da cavidade. Após algumas passagens entre os blocos, é necessário fazer uma pequena escalada para chegar a um patamar. No alto, encontramos uma bela galeria, ao fundo da qual a progressão é interrompida

por uma nova ascensão. Dessa vez, a escalada tem entre 4 e 5m. Ela é feita facilmente, apesar de maior, apenas com a ajuda de um pedaço de corda. Em seguida, a exploração se faz em um conduto forçado de grande beleza. No solo e sobre as paredes, magníficas ondas de erosão atestam a circulação da água. Sobre alguns patamares, descobrimos também algumas pérolas de cavernas e outros belos escorrimentos de calcita. O solo é muito bonito e andamos sobre um solo perfurado por centenas de pequenas marmitas.

O cinza claro do calcário brilha e o espetáculo é esplêndido. Após algumas dezenas de metros, um cruzamento complica a rede. À esquerda, uma sucessão de galerias orientadas no sentido sudeste se junta a novas entradas da cavidade que bordeja o maciço. À direita, voltando pelo mesmo caminho, chegamos novamente ao conduto principal da rede. Os volumes são significativos, a seção da galeria é, em média, de 10x10m. O solo está de modo geral, coberto de areia fina e de lama ressecada. Tomamos agora a direção oeste, entrando então no coração do maciço. A galeria continua muito bonita e a progressão é muito fácil. À nossa direita, uma pequena galeria se abre a norte-noroeste. Ela dá acesso a uma zona meio labiríntica e termina em entupimentos de areia.

De volta à galeria principal, na medida em que avançamos o teto fica mais baixo. Marcas d'água aparecem entre os taludes de argila. Como Solta II, a galeria termina em uma zona inundada. No retorno, uma galeria mais modesta, à direita, permite atalhar o conduto principal. Ela dá acesso, igualmente, a uma outra entrada da rede. Essa cavidade, ainda que muito próxima de sua vizinha Solta II, tem um perfil bastante diferente e, sobretudo, muito mais complexo. Ela tem múltiplas entradas que se conectam à rede principal contrária a Solta II, que tem quase que uma só galeria com uma entrada única. Entretanto, as duas cavidades têm formas e galerias magníficas e volumes notáveis.

Mais uma bela descoberta em um pequeno maciço que talvez ainda não tenha dito sua última palavra...



Le massif de la Serra Solta

Jean-François PERRET

Groupe Spéléologique Bagnols – Marcoule

Avec l'expérience de l'expédition « *Descoberto 2007* », nous savions que la taille d'un massif n'est pas forcément en rapport avec la dimension des cavités de son sous-sol. L'un des objectifs de *Ramalho 2008* est de prospecter les petits massifs en bordure du massif principal. La situation de cette petite chaîne de lentilles calcaires est à l'Est du massif de la *Serra do Ramalho* et est axée Nord-Sud. En allant encore plus à l'Est, nous traversons la plaine alluvionnaire du fleuve *São Francisco* pour enfin finir sur le rio lui-même. Cette plaine est extrêmement plane sans aucun relief. Pour accéder à cette région, la route a été tracée au cordeau. Ces grandes lignes droites, parfois asphaltées mais plus souvent de terre virent à angle droit. Cette voie de communication va d'*Agrovila* en *Agrovila*, ces villages agricoles créés par une réforme agraire dans les années 70. Ils ont évolué de façon anarchique, certains sont plus développés que d'autres. *Agrovila 10* porte même un nom « *Serra do Ramalho* » et oui, le nom du massif calcaire pourtant distant d'une quarantaine de km. Autre particularité de cette petite ville, elle n'est pas dans l'axe de la route mais à l'écart. En fait, elle est sur la rive gauche du *São Francisco*, l'autre voie de communication de la région. Ce carrefour commercial lui permet de jouer un rôle primordial dans l'économie régionale et explique son développement plus important que les autres cités à vocation uniquement agricole.

Mais revenons à notre massif. Une des plus belles découvertes de cette expédition est sans conteste la grotte de *Solta III*. Très proche de ses voisines, elle se développe dans le massif de la *Serra Solta* au Nord de notre zone de prospection. Dès que nous avons découvert l'entrée de *Solta II*, nous avons regardé la photo satellite pour estimer la superficie et le potentiel du massif calcaire. Celui-ci mesure environ cinq kilomètres de longueur par 1 km de largeur. Cette surface représente tout de même six ou sept fois celle du Massif du Cœur. Vus les résultats obtenus dans celui-ci où ses cavités développent plus de 7 km, nous nous sommes mis à espérer beaucoup de la *Serra Solta*.

La première cavité découverte « *Solta II* » a donné une grande satisfaction à ses inventeurs. Son entrée, conséquente, donne rapidement l'envie d'aller voir plus loin. Après la salle d'entrée, la galerie prend la forme d'un grand méandre et mesure environ 10m par 5m. Le sol est recouvert de sable fin et de sédiments séchés. La progression est très facile. On s'enfonce rapidement dans le massif. Le calcaire gris foncé est veiné de calcite blanche. Après quelques centaines de mètres, la galerie principale change de configuration. Le plafond s'abaisse et elle s'élargit un peu. Par endroits, nous trouvons de belles sections de conduites forcées.

Au sol, les traces laissées par la rivière temporaire sont bien visibles. Après un carrefour dans une galerie secondaire, le cheminement se fait entre des dunes de sédiments. Tel un serpent, le lit du cours d'eau asséché fait des lacets. De retour sur l'axe principal, nous avançons jusqu'à un petit siphon sur le coté droit de la galerie. L'eau est pompée à partir d'ici pour abreuver le bétail des environs.

Poursuivons encore notre périple. La galerie s'abaisse encore un peu. Maintenant, elle mesure 3m de haut par 6 ou 7 de largeur. Le plafond est toujours aussi beau. Une nouvelle arrivée supérieure a

créée une petite salle. A partir de cet endroit, la configuration change à nouveau. La galerie s'abaisse franchement et prend la forme d'un laminoir. Sur plusieurs centaines de mètres, il faut marcher voûté ou la tête inclinée. Ces positions ont fait que les inventeurs ont nommé ce passage « la galerie Quasimodo ».

Plus on s'enfonce dans le réseau, plus la chaleur augmente et l'air devient lourd. Comme pressenti, la progression se termine sur un siphon. En revenant sur nos pas, une galerie annexe plus modeste mais à la même morphologie se termine également sur un siphon. Elle est nommée « la galerie du Torticolis ».

L'orientation globale des galeries est Est Ouest.

Solta I est en fait une petite cavité non réellement explorée. L'entrée à une centaine de mètres plus au Sud de celle de *Solta II* est beaucoup plus petite. Après quelques dizaines de mètres, les dimensions étant modestes, nous n'avons pas cherché à aller plus loin bien que cela continue. Par manque de temps, aucune autre équipe n'est venue faire la topographie, sa voisine *Solta III* ayant monopolisé le reste du temps disponible.

En progressant moins d'un km encore plus au sud, nous découvrons *Solta III*. Cette cavité avec son entrée originale, elle recèle de magnifiques galeries. Pour pénétrer dans le réseau, il faut tout d'abord remonter le lit asséché de l'exutoire de la cavité. Après quelques passages entre les blocs, il faut effectuer une petite escalade pour accéder à un palier. En hauteur, nous trouvons une belle galerie, la progression au fond de celle-ci est stoppée par une nouvelle ascension. Cette fois, l'escalade mesure environ 4 ou 5m. Elle se franchit facilement en opposition en étant simplement assuré par un bout de corde. Ensuite, l'exploration se fait dans une conduite forcée de toute beauté. Au sol et sur les parois de magnifiques coups de gouges témoignent de la circulation de l'eau. Sur quelques paliers, nous découvrons également quelques perles des cavernes et autre belles coulées de calcite. Le sol est de toute beauté, nous marchons sur un sol perforé par des centaines de mini marmites des géants.

Le gris clair du calcaire brille et le spectacle est superbe.

Après quelques dizaines de mètres, un carrefour complique le réseau. A gauche, une succession de galeries orientées Sud - Est rejoignent de nouvelles entrées de la cavité en bordure du massif. À droite, en revenant sur nos pas, nous sommes à nouveau dans la conduite principale du réseau. Les volumes sont très importants, la section de la galerie est en moyenne de 10x10. Le sol est généralement couvert de sable fin et de boue séchée. Nous filons maintenant vers l'ouest donc nous rentrons au cœur du massif. La galerie est toujours aussi belle. La progression est très facile. Sur notre droite, une petite galerie part Nord - Nord Ouest. Elle donne accès à une zone un peu labyrinthique et se termine sur des colmatages de sable.

De retour dans la galerie principale, à mesure que nous avançons, le plafond s'abaisse. Des laisses d'eau apparaissent au détour des talus d'argile. Comme *Solta II*, la galerie termine sur une zone noyée. Sur le retour, une galerie plus modeste à droite permet de shunter la conduite principale. Elle donne également accès à une autre entrée du réseau.

Cette cavité bien que très proche de sa voisine *Solta II* est d'un profil assez différent et surtout beaucoup plus complexe. Elle a de multiples entrées qui se connectent au réseau principal contrairement à *Solta II* qui n'a presque qu'une seule galerie avec une entrée unique. Toutefois, les deux cavités ont des formes et des galeries magnifiques et des volumes importants.

Encore une belle découverte dans un petit massif qui n'a peut être pas encore dit son dernier mot...